

A CONSTRUÇÃO MARCADORA DISCURSIVA PERCEPTIVO-VISUAL

$V_{PV}(X)_{MD}$

Vania Rosana Mattos Sambrana

*Orientadora: Prof^ª. Doutora Mariangela Rios de
Oliveira*

Dissertações recentes

RESUMO: O presente trabalho é parte de uma dissertação de mestrado intitulada de *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*, concluída em março de 2017. Nosso objetivo é identificar, levantar e descrever o padrão construcional dos marcadores discursivos de base verbal perceptivo-visual em perspectiva sincrônica do português brasileiro do século XX. Para tal fim, utilizamos como base teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015) com ênfase na Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2008; BYBEE 2010, 2015; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). A metodologia empregada abrange tanto análises qualitativas quanto análises quantitativas. Pelas análises dos contextos de uso, verificamos que os marcadores discursivos formados por base verbal *olhar* ou *ver* compartilham, entre seus membros, na rede linguística funcional, aspectos cognitivos, semânticos, morfossintáticos e discursivo-pragmáticos. Diante dessa constatação, concluímos que as formas de apresentação desses marcadores discursivos podem ser agregadas sob um padrão de regularidades construcionais - a construção $V_{pv}(x)_{md}$.
PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos, construção, funcionalidade, contextos de uso.

Introdução

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa efetuada no nível de mestrado, como parte integrante de um projeto mais amplo desenvolvido pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), com sede na Universidade Federal Fluminense, iniciada em 2014, sobre *Construcionalização e mudança construcional em expressões verbais composta por pronomes locativos no português*, coordenado pela professora doutora Mariangela Rios

de Oliveira. Com essa pesquisa, pretendemos adicionar conhecimento sobre o funcionamento da língua e de seus padrões de uso aos estudos do português contemporâneo.

Trabalhamos com a visão de que a língua organiza-se em um inventário de construções, e as “construções são pareamentos de forma-sentido”¹ (GOLDBERG, 1995, p. 4). Esses conceitos caros à Gramática de Construção são norteadores na fundamentação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso, cuja visão construcionista defende que a gramática emerge do discurso, uma vez que o uso molda as formas linguísticas.

A construção $V_{pv}(x)_{md}$ recruta dois verbos que exprimem percepção no campo da visão para sua composição de forma-sentido – *olhar* e *ver*. Esse duplo licenciamento, permitido pela construção, nos motiva a estudar essa rede de marcadores discursivos. Nossa alegação é de que as duas bases verbais atuam em competição na língua, motivadas pelo cumprimento de funções sociocomunicativas, com diferenças tênues entre essas funções, isto é, em uma rede com limites difusos entre seus membros.

Vejamos dois exemplos para ilustrar nosso posicionamento:

(1) DOC. - E quando você quer ligar várias coisas numa tomada?

LOC. - A gente usa o, ih, benjamim, né?

DOC. - É isso mesmo, **olha aqui**, você gosta, você é ligada em roupa?

LOC. - Não. Não sou ligada em roupa não. (NURC-RJ, DID, Inq.14, Loc. 17, 1971)

(2) Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse.

(CP, séc. XX, Br, Fic, João do Rio, *O Momento Literário*, 1907)

Nos fragmentos (1) e (2), as formas em destaque são recrutadas pelos falantes com o objetivo sociocomunicativo de chamar a atenção dos ouvintes e regular o momento interativo entre interlocutores. Em ambos os contextos apresentados, os falantes criam, através do recrutamento dos marcadores discursivos e dos elementos intralinguísticos e extralinguísticos, estratégias para regular as atitudes, os papéis sociais, bem como, o desenvolvimento textual que se segue. A diferença entre os dois recrutamentos, *olha aqui* e *vê lá*, está na intencionalidade como é construído o contexto, como os falantes perseguem o cumprimento de seus objetivos. Em (1), o marcador discursivo *olha aqui* aproxima o ouvinte do falante, encurtando o espaço atencional entre os interlocutores e valorizando a informação a ser

¹ “—is a form-meaning pair.” (GOLDBERG, 1995, p. 4). [Tradução nossa].

veiculada. Em (2), o marcador discursivo *vê lá* agrega sentido de repreensão ao contexto, ou melhor, uma repreensão atenuada.

Sendo assim, há uma competição entre os usos dos marcadores discursivos. Os mesmos contextos que motivam essa competição são os mesmos que selecionam quais formas melhor transmitem os sentidos propostos.

Nossa hipótese é a de que os marcadores discursivos de base verbal perceptivo-visual situam-se numa rede funcional interligada e, por especificidades muito próprias, se agregam ou se afastam uns dos outros na rede construcional, mas se mantêm integrados ao padrão $V_{pv}(x)_{md}$.

Nosso entendimento de organização da gramática segue:

Partimos da concepção de que a gramática de uma língua natural nunca é estática e acabada: tomada sincronicamente, a gramática de qualquer língua exhibe, simultaneamente, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos. Por alguma razão, certos padrões novos se estabilizam, o que resulta numa reformulação da gramática. Nesse sentido, a gramática é um 'sistema adaptativo': enquanto sistema, é parcialmente autônoma, mas, ao mesmo tempo, é adaptativa na medida em que responde a pressões externas ao sistema. (CEZÁRIO; MARTELOTTA e VOTRE, 1996, p. 11)

Diante dessa colocação, nosso objetivo geral de identificar, levantar e descrever o padrão construcional dos marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais *olhar* e *ver* parte da perspectiva de captar padrões linguísticos e seus aspectos de rigidez e de fluidez na estabilização da gramática, vistos como consequência da adaptação às pressões do uso concreto da língua.

Como objetivos específicos, destacamos quatro: (i) levantar o inventário dos marcadores discursivos de base verbal perceptivo-visual, representativo do português brasileiro do século XX; (ii) hierarquizar os níveis de esquematicidade do padrão construcional $V_{pv}(x)_{md}$; (iii) quantificar a frequência do padrão construcional $V_{pv}(x)_{md}$; (iv) demonstrar a funcionalidade dos marcadores discursivos em contextos de uso.

Pressupostos teórico-metodológicos

O foco da metodologia empregada é holístico, visando análises qualitativas de caráter interpretativo das descrições em que os dados são considerados representações da

concretude da língua em uso e, ainda, análises quantitativas que são capazes de mensurar as amostras utilizando métodos de controle sugeridos pelos autores, como por exemplo, a frequência *type* e a frequência *token*, sugeridas por Bybee (2003, 2010, 2015).

Para cumprir os objetivos delineados, utilizamos como *corpus* o português brasileiro do século XX. A fim de ampliarmos o número de exemplares captados, decidimos utilizar quatro *corpora*: *Corpus* Discurso e Gramática (D&G); Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); *Corpus* do Português (CP); Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). O levantamento de dados permitiu-nos apontar 23 exemplares, 10 exemplares de base verbal *olhar* e 13 exemplares de base verbal *ver*.

A base teórica assumida pressupõe que a abordagem da gramática seja indissociável do estatuto do uso. Porquanto o sentido da língua, das relações entre as construções, parte da subjetividade e da intersubjetividade compartilhada pelos falantes nas trocas interativas. Dessa maneira, a Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015), de vertente cognitivo-funcional, apropria-se da teoria da Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2008; BYBEE 2010, 2015; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) para advogar a favor de análises de dados considerados usos concretos da língua, os chamados constructos.

Considerando que construções são, fundamentalmente, unidades simbólicas, Croft (2001, p. 18) representa a estrutura simbólica de uma construção com a seguinte figura:

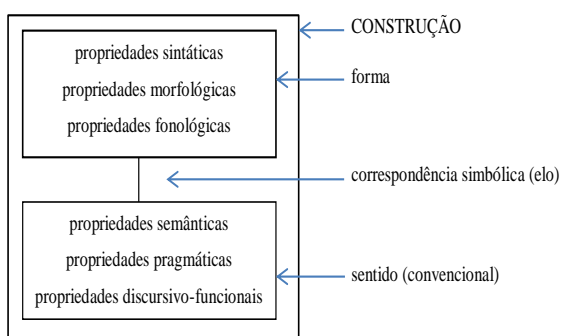


Figura 01: Representação da construção segundo Croft (2001).

Fonte: Croft (2001)

O polo da forma é composto por elementos de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o polo do sentido é composto por componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Croft (2001) postula que o pareamento forma-sentido é unido por elo de correspondência simbólica, sendo assim, seu significado bio-sócio-cultural é

construído por convencionalização de rotinas cognitivas e pressões discursivas, como o resultado da experiencição dos grupos de falantes nas trocas interativas.

Em um modelo mais simplificado da representação de construção de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), em trabalho sobre mudança linguística em abordagem construcional, passam a representar uma construção como:

$$[[F] \leftrightarrow [M]]$$

Figura 02: Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2013).

Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

Nessa representação de Traugott e Trousdale (2013, p. 8), “F” significa forma e contém as propriedades específicas da sintaxe, “M” significa sentido e contém as propriedades do sentido. A correspondência simbólica entre forma e sentido é representada pela seta (\leftrightarrow). Os autores, apoiados em Goldberg (2003), defendem que “a totalidade do nosso conhecimento de língua é capturada por uma rede de construções”² (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8).

Na abordagem construcional, as construções são descritas pelos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses fatores dimensionam características internas e externas das construções, viabilizando o entendimento da instabilidade/estabilidade da língua, uma vez que o uso é considerado como ponto de partida de toda a análise linguística.

Esquematicidade envolve abstração, generalização. Quanto mais geral se apresentar um padrão construcional, mais esquemática será sua caracterização representacional. A produtividade, neste trabalho, é verificada em termos de frequência *type*, que é a apresentação de formas, e de frequência *token*, que se dá pela quantificação de ocorrências de uso. No que diz respeito à composicionalidade, refere-se ao quanto do sentido da construção depende da correspondência entre forma-sentido. Com esse modelo de análise, buscamos desenvolver análises com abordagens quantitativas e qualitativas propostas anteriormente.

A construção $V_{pv}(X)_{md}$

Nosso objeto de estudo é a construção marcadora discursiva perceptivo-visual. Sincronicamente, na formação dessa construção, ocorre o recrutamento dos verbos *olhar* e

² “the totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions [...]” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8). [Tradução nossa].

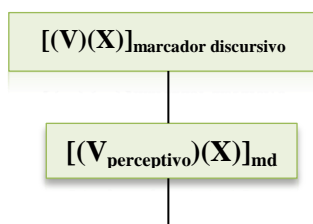
ver. No caso da existência de uma segunda subparte, há o acréscimo de um advérbio com valor locativo ou focalizador. Podemos ter marcadores discursivos perceptivo-visuais como:

- i) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com uma parte, como: *olha, olhe e olhem*;
- ii) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com duas subpartes, acrescida de um advérbio com valor locativo, como: *olha aqui, olhe aqui, olha lá, olhe lá e olha aí*;
- iii) de base verbal perceptivo-visual *olhar* com duas subpartes, acrescida de um advérbio com valor focalizador, como: *olha bem e olha só*;
- iv) de base verbal perceptivo-visual *ver* com apenas uma parte, como: *vê, veja, vejam, vejamos e viu*;
- v) de base verbal perceptivo-visual *ver* com duas subpartes, acrescida de um advérbio com valor locativo, como: *vê lá e veja lá*;
- vi) de base verbal perceptivo-visual *ver* com duas subpartes, acrescida de um advérbio com valor focalizador, como: *vê só, veja só, vejam só, vê bem, veja bem e vejam bem*.

Como descrito acima, a variabilidade de formas de apresentação dos marcadores discursivos de base perceptivo-visual, não é alienatório ou derivacional, é a produção de um padrão de regularidades atestadas, nesta seção, morfossintaticamente.

Em visão de rede, a construção $V_{pv(x)_{md}}$ representa uma aglomeração, uma macroconstrução, dessas construções individuais. Individualmente, cada construção é considerada como uma microconstrução. Dessa maneira, cada exemplar de marcador discursivo levantado em nossos dados constitui-se, virtualmente, em uma microconstrução. Sendo assim justificado, por esquematização, podemos hierarquizar os níveis de abstração da nossa construção $V_{pv(x)_{md}}$.

Decidimos, como uma escolha metodológica, estabelecer dois níveis acima da construção marcadora discursiva perceptivo-visual e três níveis abaixo. Esses níveis de abstrações são demonstrados na figura 03 a seguir:



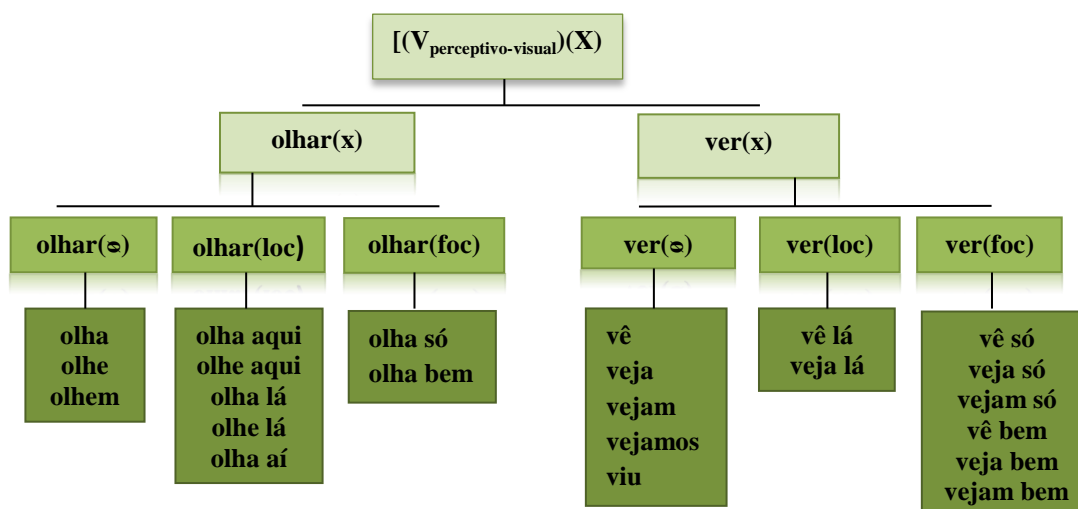


Figura 03: Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção $V_{pv}(x)_{md}$.
Fonte: Sambrana (2017)

No nível mais alto de abstração, encontra-se o esquema semanticamente geral $[(V)(X)]$ que engloba todas as formas linguísticas de marcação discursiva de base verbal. No nível mais baixo de abstração, encontram-se as microconstruções, que instanciadas pelo uso, formam a base de nossa esquematização. As 23 microconstruções da base do padrão instanciam o nível acima, composto por seis grupos de famílias de mesoconstruções ($olhar(\text{☉})$, $olhar(loc)$, $olhar(foc)$, $ver(\text{☉})$, $ver(loc)$ e $ver(foc)$). Essas famílias de mesoconstruções podem ser reagrupadas por sua base verbal e, conseqüentemente, dessa forma, constituírem-se em dois grandes grupos mesoconstrucionais ($olhar(x)$ e $ver(x)$). Por sua vez, essas duas mesoconstruções instanciam a macroconstrução $[(V_{pv})(x)]_{md}$, nosso objeto de estudo.

Em termos de produtividade, quantificamos as frequências *type* e a frequência *token* por base verbal. Vejamos os quadros 01 e 02 a seguir:

MICROCONSTRUÇÃO		TOKENS	PARCIAL de TOKENS	TYPE VIRTUAL
uma parte	olha	1.719	1.953	olhar(∞)
	olhe	227		
	olhem	7		
duas subpartes	olha aqui	29	97	olhar(loc)
	olhe aqui	19		
	olha aí	16		
	olha lá	11		
	olhe lá	22		
	olha bem	4	84	olhar(foc)
	olha só	80		
TOTAL GERAL	10 microconstruções	2.134 tokens	3 conjuntos de formas	

Quadro 01: Frequência *token* e *type* da base verbal *olhar*.
Fonte: Sambrana (2017).

MICROCONSTRUÇÃO		TOKENS	PARCIAL de TOKENS	TYPE VIRTUAL
uma parte	vê	11	373	ver(∞)
	veja	32		
	vejam	5		
	vejamos	5		
	viu	320		
duas subpartes	vê lá	5	12	ver(loc)
	veja lá	7		
	vê só	2		
	veja só	25	91	ver(foc)
	vejam só	6		
	vê bem	2		
	veja bem	50		
	vejam bem	6		
TOTAL GERAL	13 microconstruções	476 tokens	3 conjuntos de formas	

Quadro 02: Frequência *token* e *type* da base verbal *ver*.
Fonte: Sambrana (2017).

Observamos que a frequência *token* das formas de base verbal perceptivo-visual *olhar* é mais produtiva em número de ocorrências, constituindo-se em 2.134 dados levantados. Em comparação, a frequência *token* das formas de base verbal perceptivo-visual *ver* é menos produtiva, uma vez que levantamos apenas 476 dados. A frequência *type*, que é a

regularidade de apresentação das formas do padrão, se mantém estável nas duas bases verbais, garantindo três conjuntos de formas para cada base verbal.

Parece pouco notório, mas esse comportamento ratifica nosso embasamento teórico-metodológico, porquanto a frequência *type* levantada (*olhar(☉)*, *olhar(loc)*, *olhar(foc)*, *ver(☉)*, *ver(loc)* e *ver(foc)*) reflete, em níveis esquemáticos, as mesoconstruções (*olhar(☉)*, *olhar(loc)*, *olhar(foc)*, *ver(☉)*, *ver(loc)* e *ver(foc)*) virtualmente representativas da hierarquia do padrão construcional $V_{pv}(x)_{md}$. Diante dessa constatação, concluímos que a frequência *type*, ao refletir o nível de esquematização, comprova que a língua se organiza em construções e sua manutenção se dá em forma de regularidades dos padrões construcionais.

Marcadores discursivos

A classe gramatical dos marcadores discursivos, diante de um modelo holístico de análise, passa a ser considerada como uma categoria pragmática, polifuncional, composta por membros heterogênicos, com limites difusos, que “marcam relações entre unidades do discurso sequencialmente dependentes”³ [tradução nossa] (TRAUGOTT, 1995, p.5).

Em estudo voltado para o português brasileiro, Risso *et al.* (2002) conceitua:

Trata-se de amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO; SILVA e URBANO, 2002, p. 21)

Com base no conceito acima, postulamos que os marcadores discursivos compõem uma categoria gramatical da língua que opera em dois eixos funcionais: o textual-interativo e o discursivo-pragmático. As funções textual-interativas dizem respeito à organização textual, à articulação entre os segmentos e ao direcionamento das informações nas trocas interativas. As funções desempenhadas no eixo discursivo-pragmático dão conta de assegurar as

³ “[...] function of which is to —bracket discourse, that is, to mark relations between sequentially dependent units of discourse.” (TRAUGOTT, 1995, p. 5) [Tradução nossa]

ancoragens das inferências sugeridas pelos falantes e inferidas pelos ouvintes. Na regulação desse escopo funcional, há um *continuum* entre subjetividade e intersubjetividade.

Contextos de uso

Passamos a demonstrar dois contextos de uso dos marcadores discursivos captados a partir do levantamento de dados extraídos do português brasileiro do século XX. Neste artigo, em nossas análises, optamos por demonstrar a polifuncionalidade tão inerente à classe dos marcadores discursivos. Vejamos o contexto a seguir:

(3) Eu não aturava aquelas coisas, não. – Mas agora é ele quem recebe as ordens de seu Juca Vilanova? – As ordens não, **olhe lá**. Foi só desta vez que ele me mandou recado pelo Alfredo. E pode ser que o Alfredo tenha recebido ordem de outra pessoa.

(CP, Fic, Br, A. Callado, A Madona de Cedro, 1957)

Do uso do marcador *olhe lá*, em (3), destacamos como função textual-interativa a marcação da contra-argumentação dos sentidos negociados anteriormente. Como cumprimento da função discursivo-pragmática, destacamos duas atuações. Uma é a marcação da advertência, e a outra é a marcação da indução do ouvinte à reinterpretação de sentidos.

Vejamos outro contexto de uso:

(4) L1: não aceita a pessoa ter determinados valores... antes seja uma pessoa bacana pura aberta contemporânea... não gosto da palavra moderna... prefiro falar contemporânea... contemporânea e... poxa ela... **olha aí** estou te sentindo... eu estou te transformando na minha plateia né?
(NURC-RJ; D2, Inq.147, 1973)

Diferentemente de (3), o contexto, em (4), apoia, através do uso do marcador discursivo, outras relações entre os segmentos do discurso. Destacamos como função textual-interativa a marcação da quebra na linearidade do texto para introduzir proposição avaliativa do falante. Concomitantemente, o recrutamento do marcador discursivo *olha aí* desempenha a função discursivo-pragmática da marcação de provocação de *insight* no ouvinte, como se o falante requisitasse uma participação mais ativa do ouvinte na interação.

Diante dessa pequena análise, exemplificamos que cada um dos constructos dos marcadores discursivos representados na rede construcional é caracterizado tanto como sendo

um marcador textual-interativo quanto como sendo um marcador discursivo-pragmático. Os contextos de uso em que esses marcadores se apresentam geram pressões cognitivas e discursivas que motivam a negociação de sentidos, a competição e o recrutamento.

Considerações finais

A construção $V_{pv}(x)_{md}$ é produtivamente recrutada para marcar relações entre unidades do discurso, relações no nível informacional e no nível situacional. Verificamos que a construção $V_{pv}(x)_{md}$ faz parte do inventário da língua e representa um padrão construcional regular e funcional do português brasileiro.

Nos moldes de Traugott e Trousdale (2013) e Croft (2001), podemos descrever o pareamento forma-sentido da construção marcadora discursiva perceptivo-visual como: [[verbo_{perceptivo-visual}(adv)] ↔ [marcar regulação da interação através da manutenção do espaço de atenção]]. A construção $V_{pv}(x)_{md}$ reforça o espaço atencional entre os interlocutores, negociando sentidos que regulam a interação e cumprem os objetivos sociocomunicativos dos falantes. Esses sentidos construídos *on-line* são veiculados ora mais subjetivos, voltados para o falante, ora mais intersubjetivos, centrados no ouvinte.

REFERÊNCIAS

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (orgs). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M^a. Maura; MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DASHER, Richard B; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore V. (org.). *Gramática do português falado*. 2^{ed}. São Paulo: Unicamp, 2002, p. 21-57, v.VI.

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. Uma abordagem construcional dos marcadores discursivos formados por verbos perceptivo-visuais. In: *Anais do VIISAPPIL – Estudos de linguagem*. Niterói-RJ, 2016, p. 712-724. [publicação eletrônica]. Disponível em: <http://anaisdosappil.uff.br/index.php/VIISAPPIL-Ling/index>. Acesso em: 18/03/2017.

_____. Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais *olhar e ver*: uma abordagem construcional. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem, subárea - Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2017.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: Paper presented at *I CHL XII Manchester*, Stanford University, CA 94305-2150, USA, 1995, p.1-23.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Topics in English Linguistics. Berlin and New York: Mouton of Gruyter, 2010.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Créditos das imagens

Figura 01: Representação da construção segundo Croft (2001).

CROFT, William. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 18.

Figura 02: Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2013).

TRAUGOTT, E. Closs.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 8.

Figura 03: Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção $V_{pv}(x)_{md}$.

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais *olhar* e *ver*: uma abordagem construcional. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem, subárea - Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2017, p. 71.